

NA LINGUAGEM ARTÍSTICA DA DANÇA DO VENTRE: O REENCONTRO COM A FEMINILIDADE NO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO

Ana Cristina de Lucena FIGUEIREDO
anac_lucena@hotmail.com
(Mestranda/Universidade Federal da Paraíba (UFPB))

Podemos compreender que toda forma de ação da sociedade é determinada pela ideologia, isto é, ela está presente nas práticas sociais desempenhadas pela sociedade. Entendemos a Formação Ideológica como o conjunto de representações e idéias que uma determinada classe tem do mundo, compreendemos, então, que é no discurso, pela formação discursiva, que se materializará essa dada visão. Por meio dessa Formação Discursiva o indivíduo constrói seus discursos porque é ela que lhe é ensinada desde o seu nascimento e durante o seu desenvolvimento enquanto sujeito. Isso quer dizer que o discurso é o lugar da reprodução, da coerção social, pois é no dizer desse enunciador que se manifesta, de forma inconsciente, o dizer do grupo social em que ele está inserido. A noção de sujeito ideológico está associada ao espaço social e histórico porque o sujeito reproduz discursos já constituídos historicamente e, por ser produto dessas relações sociais, o indivíduo pensa e fala o que a realidade de seu grupo impõe. Contudo, o indivíduo está sujeito a um sistema que determina condutas e, portanto, fala de um lugar social e representa uma instituição, uma “sujeição”. Entendemos, portanto, o sujeito como uma construção social e discursiva em *formação*.

É com os pressupostos da AD francesa que investigaremos o sujeito-mulher antes e depois da prática discursiva da linguagem da Dança do Ventre. O sujeito-mulher, em seus diferentes contextos institucionais, distancia-se de sua feminilidade por ocupar um lugar regido pelo discurso institucionalizado do mito da beleza. Discursos são veiculados, em relação ao corpo, por práticas discursivas em direção da construção de um corpo “perfeito”, que não pode “deformar-se”. Com tais práticas discursivas, estabelece-se uma relação com o corpo: uma relação comercial e de industrialização da beleza.

Para atingirmos uma compreensão mais profunda do nosso comportamento, devemos levar em conta que a maneira feminina de sentir e pensar está relacionada com os ciclos internos, ciclos estes não somente fisiológicos. Segundo Penna (1989), o universo interior quando modificado, transparece no corpo e essa “imagem corporal” opera:

com as três estruturas constituintes da complexa relação que criamos com o nosso próprio corpo – estrutura fisiológica: responsável pelas organizações anatomofisiológicas. Incluem-se nesta estrutura as contribuições geneticamente

herdadas e as modificações sofridas pelas funções somáticas durante as fases anteriores da vida do sujeito. Estrutura libidinal: considerada como o conjunto das experiências emocionais, vividas nos relacionamentos desde a gestação. Estrutura sociológica: derivando-se parcialmente dos intercâmbios pessoais, a imagem corporal. (PENNA, 1989, p. 28).

É a partir da interação dessas estruturas que a imagem do corpo feminino é composta. O que uma mulher considera como modelo ideal feminino – este modelo ideal trazido aqui como ideológico-cultural – é reflexo de sua satisfação ou não com o seu próprio corpo. As imposições do estereótipo social, as variáveis culturais e sociais da imagem padronizada do corpo humano projetam a idéia de “beleza” e de “feiúra” como fenômenos que levam a mulher ao sucesso ou ao fracasso por serem as “proporções ideais” difíceis de atingir. Do ponto de vista cultural, a mulher, independente de seus valores pessoais, está condicionada a exercer um papel atrativo nos homens estando “bonita”. Isto porque culturalmente a mulher sempre foi alvo dos homens. Por outro lado são impostas, através de práticas discursivas, “fórmulas” de industrialização e comercialização para que ela atinja o modelo ideal.

No que concerne ao papel social, as mulheres vêm abrindo um caminho da liberdade que, de acordo com sua história marcada de repressão, submissão e silêncio, este caminho, jamais trilhado, destruiu convicções, mitos e “verdades” que eram levados em consideração. No entanto, de todas as conquistas realizadas neste caminho para a liberdade, Naomi Wolf (1992) indaga: “Será que as mulheres se sentem livres?” Segundo a autora, essa falta de liberdade está relacionada à beleza feminina. À medida que as mulheres vencem diferentes barreiras de poder tidas como inatingíveis, mais se cobra de sua imagem de beleza. Wolf afirma existir “uma subvida secreta que envenena nossa liberdade: imersa em conceitos de beleza, ela é um escuro filão de ódio a nós mesmas, obsessões com o físico, pânico de envelhecer e pavor de perder o controle”. (WOLF, 1992, p. 12). Este obscuro silêncio leva o sujeito mulher a ser um sujeito consumidor em prol da beleza estipulada pelo social. Isto significa dizer que o mito da beleza feminina faz o sujeito mulher “cuidar de si” como a sociedade quer, segundo práticas discursivas determinadas por um dizer social que forma ideologia. O mito da beleza ao qual Wolf se refere, impõe e é usado contra a liberdade e evolução da mulher, porque possui leis repressoras tanto quanto às do passado. A mulher, então, como resultado do quadro feminino hoje, liberta-se da domesticidade e prende-se ao mito da beleza que assume o controle social. A ideologia da beleza feminina “se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade não conseguem mais realizar.” (WOLF, 1992, p. 13). E, por ser submissa a essa ideologia passa a não mais amar a maternidade uma vez que ela, nessa concepção, abala a beleza feminina porque “deforma” o corpo, os seios. A partir daí, com essa “deformidade do corpo” a mulher passou a não gostar da menstruação, da gravidez, da amamentação, distanciando-se,

portanto, de sua feminilidade. A beleza é uma obrigação para as mulheres, um valor ideológico imposto pela sociedade por práticas discursivas na qual todas as mulheres têm de entrar nessa ordem do discurso. Wolf assegura que:

A “beleza” é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro. Como qualquer sistema, ele é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino. Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriam. (WOLF, 1992, p. 15).

Na realidade não há uma justificativa para o mito da beleza porque ele é cultural, e advém da idéia de poder por isso “ele diz respeito às instituições masculinas e ao poder institucional dos homens. O mito da beleza na realidade sempre determina o comportamento, não a aparência”. (WOLF, 1992, p. 17). A instituição social com suas “verdades” “abafou” e “deturpou” a feminilidade o que faz com que o corpo da mulher esteja preso à censura. O corpo e o rosto da mulher são censurados e esta prática está associada às imagens e representações figuradas da feminilidade reproduzidas pela sociedade do que é ser “bela”. A beleza, assim, utilizada como comercialização, passa a ser o dote da mulher porque dá status e poder, portanto, o uso do mito é político, social, econômico e ideológico. A mulher moderna é, então, conduzida ao poder do mito da beleza que arruína lentamente o terreno conquistado.

Por alterarem o corpo da mulher, os ciclos como menstruação, maternidade, envelhecimento, são vistos como negativos, doentios e esses conflitos trazem ansiedade e incômodos, insatisfação com a própria imagem feminina. Essas mudanças são encaradas como ameaçadoras. Com isso a mulher submete-se a práticas socialmente impostas de padrão ideal do corpo. Entretanto, à medida que a mulher atinge um nível de consciência da sua natureza e passa a observar tudo em si e à sua volta, é desenvolvido seu comportamento e sua consciência de si. Dentro desse contexto, Penna (1989) afirma que:

a mulher dispõe de uma perspectiva própria e o seu corpo é uma condição fundamental na maneira de ser feminina. No entanto, enquanto procura definir-se pelo externo, pelo social, ela se afasta dos motivos internos. Haveria um motivo interno que caracterizasse a perspectiva feminina frente a si mesma e ao mundo? Tal motivo atingido como antecedente dos seus comportamentos nos faria transpor o limite das aparências e ir ao fundo, para entender a intencionalidade da maneira de ser feminina. (PENNA, 1989, p. 42-43).

Em *Corpos no espelho*, Melo (2004) desenvolve uma oportunidade de reflexão de educadores e alunos de uma determinada área específica, para saber qual o significado que essas pessoas dão à sua corporeidade, qual a percepção que tiveram e têm de seus próprios corpos em suas trajetórias de vida. Para tal pesquisa, ela traz uma proposta da corporeidade do ser humano como foco educativo fundamental no processo educacional. Para a autora, as relações pedagógicas “sem uma filosofia subside uma abordagem do corpo como expressão encarnada da existência humana, qualquer teoria educacional será desumanizadora”. (MELO, 2004, p. 39).

Para Porpino (1999, apud MELO) as formas de vivenciar o corpo são apreendidas pela cultura porque “diferentes concepções do corpo podem ser vistas em diferentes contextos sociais e momentos históricos”. Já para Knaster (1996, apud MELO), a difícil relação com o corpo de punir, odiar, ignorar e abusar parece ser um fato atribuído à civilização ocidental e, para tal afirmação, ela questiona: “Por que somos obcecados pelo corpo ou o negligenciamos, em vez de termos com ele uma relação de amigos sagrados ou parceiros iguais? ”

O corpo da mulher, principalmente, é visto como marca profunda de interdição e, por “perder” o seu corpo, a mulher também se distancia da feminilidade, do seu “eu”. Para Beauvoir (1980), é na história cristalizada da mulher nas civilizações humanas patriarcais que são encontradas expressões da marca cultural de desigualdade social.

Jean-Yves Leloup, em *O corpo e seus símbolos*, escreve sobre as diferentes escutas do corpo humano. Segundo ele, o corpo é marcado por estórias e sentidos profundos vividos desde a infância porque “o corpo é nossa memória mais arcaica. Nele, nada é esquecido. Cada acontecimento vivido deixa no corpo a sua marca profunda(...). O corpo freqüentemente é o último que perdoa. Sua memória é sempre muito viva.” (LELOUP, 1998, p. 15). O autor propõe a prática de uma análise de sintomas e somatizações por meio de uma escuta (análise) física do corpo – na qual se abre a memória do que aconteceu no corpo, trazendo à tona o ponto fraco, ou seja, *o lugar do nosso corpo onde vem se alojar, regularmente, a doença e o sofrimento* – sendo necessário, também, a escuta psicológica do corpo onde se identifica os medos e as atrações e, por último, da escuta espiritual. Uma abordagem prática que trata de escutar cada uma das partes do nosso corpo, numa perspectiva que compreenda o físico, o psicológico e o espiritual, construindo, então, um ser em sua inteireza.

Estas “verdades” construídas ao longo da história constroem uma linguagem do corpo que faz os sujeitos ocuparem espaços e se objetivarem por meio de “condutas” capazes de identificá-los conforme padrões institucionalizados determinados por práticas sociais, ideológico-discursivas.

Dirigindo um olhar específico sobre o sujeito de nossa pesquisa – a mulher – podemos salientar que examinamos a reorganização do corpo feminino reformulando valores ideológicos através da dança. A Dança do Ventre, enquanto forma de expressão essencialmente feminina, considerada como componente transformador leva a mulher à procura de novas perspectivas. Dessa

forma, entendemos que a Dança do Ventre resgata a essência feminina e como o contexto sócio-cultural em que a mulher está inserida constrói os seus valores ideológicos capazes de levá-la a um processo de sujeição; para tanto a AD francesa pode nos oferecer subsídios na busca do funcionamento discursivo o que poderá fazer um resgate do “eu” que se reprime pelo cotidiano da vida contemporânea: a essência feminina. Discursos femininos de mulheres praticantes da Dança do Ventre foram analisados para identificarmos o processo de reencontro de si mesma através do reencontro com o corpo.

Partindo da situação sócio-histórico-cultural da mulher que vive num mundo onde os conflitos, as desavenças e a competição constituem o estresse destruindo o “eu” interior que forma e conforma cada figura feminina, a mulher vai se distanciando de si mesma em prol dos filhos, do marido, da família, do trabalho, envolvendo-se no doméstico e deixando de olhar para si. Em consequência desse contexto, as mulheres vão perdendo seus ideais, seus valores de beleza feminina e passam a compor um quadro de seres que nunca estão satisfeitas consigo mesma.

A partir das discussões sobre a linguagem do corpo, percebemos que a mulher, segundo esta situação sócio-histórico-cultural, perdeu a sua essência porque, desconstruída de si mesma, desconstrói-se da vida, do grupo, de sua própria existência. Criam-se, com esta realidade, sensações, sentimentos de distanciamento com o corpo, com a mente e suas experiências com os períodos cíclicos femininos – menstruação, gravidez, parto, amamentação, menopausa – tornam-se cada vez mais complicadas e a sua união interior mais desgastada. A mulher passa a perder a sua essência feminina e convive com tais experiências de forma problemática tornando-as doentias.

Para mudar esta situação é preciso aprender a aceitar-se como mulher e fazer-se dar mais chance de vida útil como mulher amante, mãe e pessoa reformulando valores ideológicos que a sociedade lhe impôs. Valores estes construídos pela história em que mergulhou a mulher na sua trajetória sócio-cultural. Surge a necessidade de reorganizar o corpo fazendo ressurgir o afeto, a vida e rever seus ritmos e se aconchegar a si própria procurando conciliar seu estilo de vida que possa recuperar as passagens existenciais femininas.

Considerando a dança como uma forma de expressão, podemos julgar a Dança do Ventre essencialmente feminina, como elemento catalisador que pode levar a figura feminina à busca de descoberta de novas perspectivas. Significa que podemos considerar a Dança do Ventre um elemento catártico em que a mulher pode equilibrar e transformar o seu interior. Ela surge como elemento exorcizante do “eu” que se aniquila no cotidiano e que acorrenta a mulher ao estresse da vida moderna.

É preciso enxergar a dança como elemento “terapêutico”. A Dança do Ventre, através de sua linguagem, constrói uma “limpeza energética” através de movimentos corporais que desbloqueiam e liberam emoções resgatando a essência feminina que se reprime pelo cotidiano urbano.

Considerando que as condições da vida civilizada e a sociedade de consumo prejudicam as estruturas que interagem na composição da imagem do corpo feminino, a mulher é levada a transformar, modificar pela necessidade de adaptação aos valores atuais. Valores estes que se tornam “verdades” e se espalham e se perpetuam por práticas discursivas. A partir daí, a mulher está transformando a própria imagem, conseqüentemente, as estruturas sociais.

O que fazer, então, para conduzir a mulher a reencontrar a sua essência? Como, pois, fazê-la recuperar a sua interioridade perdida e engolida pelas realidades sociais? Entendendo que a dança pode ser uma expressão que busca não só a sensibilidade bem como pode ser um exercício da alma humana, enveredaremos pelos caminhos da Dança do Ventre entendendo como ela, na sua linguagem específica expressivo-corporal, pode ser capaz de ir buscar este “eu” perdido.

A nossa cultura ocidental, por exemplo, tem recebido influências do oriente, não só no referente a questões religiosas, espirituais, crenças, bem como no que tange à dança. Hoje, a Dança do Ventre ocupa um espaço significativo na nossa sociedade, especialmente aqui no Brasil. Em vários lugares do país há espaços especializados para a cultura árabe cuja ocupação já se faz relevante. Diante dessa realidade vivenciada pela nossa cultura, a Dança do Ventre merece um olhar particularizado. Ela já ocupa um grande espaço dentro da nossa cultura fazendo muitas mulheres

brasileiras aderirem à “filosofia” do pensamento oriental.

A modernidade com suas condições de lugar, de tempo, que são as influências sociais, colocou a mulher em um lugar que acaba por identificá-la como produto deste meio. Com a sua emancipação e ocupando lugares fora do lar, a mulher foi perdendo aquela identidade de domesticidade – produto do lar – e passou a identificar-se com uma realidade social que a traz para fora do doméstico. Hoje a mulher sobrecarrega-se de atividades extracasa e com isso carrega consigo uma dupla jornada de trabalho e tarefas. Ocupa o espaço lá fora e continua sendo a mola-mestra do espaço da casa.

Nesse jogo entre o fora e o dentro do lar, a figura feminina vai se moldando conforme essa realidade sócio-cultural e, com isso, vai se distanciando de si mesma e perdendo, inconscientemente, sua essência feminina. Esquece-se de se ver, de se cuidar e é absorvida pelo dia-dia de uma dupla jornada de trabalho. Sua interioridade vai ficando escanteada e seu corpo e mente sofrem, com este distanciamento, conseqüências nocivas. Sentimentos, emoções, preocupações, ocupações são confundidas entre si e colocam a mulher como produto esquecido. A feminilidade, a fertilidade ou o entendimento do próprio corpo são alvo de agressões físicas, sociais e psicossociais resultando num corpo “doente”.

Nessa ótica, a Dança do Ventre passa a ter um valor importante na vida da mulher. Com seus significados, com suas características, ela passa a ter um papel relevante na busca do encontro da mulher consigo mesma. Isto porque a dança, antes de tudo, é uma forma de exteriorizar sentimentos. Por meio da expressão corporal as sensações são interiorizadas devolvendo para o mundo de forma diferente através dos movimentos do corpo. Fazendo dançar o próprio ventre, as mulheres abrem as possibilidades de senti-lo como centro de consciência.

A mulher é revitalizada, o que significa dizer que a consciência do próprio valor cresce, desenvolvendo o senso de dignidade e auto-estima. Os sentidos do corpo despertos conduzem à melhoria da saúde. Os órgãos são beneficiados pela massagem, devido aos movimentos da pelve. O corpo, finalmente, é solto devido ao estilo sinuoso e circular dos movimentos. A mulher torna-se ativa, leve e graciosa. Sente-se re-valorizada depois do contato profundo com suas raízes. E, nesse processo de “cuidados de si” reencontra um outro “eu”, ocupa um outro lugar na sociedade e pode objetivar-se como outro sujeito: uma mulher re-encontrada com o seu corpo e sua feminilidade.

Construindo, portanto, uma nova prática discursiva que faz a construção de um novo sujeito-mulher e vista como linguagem do corpo, compreendemos que a Dança do Ventre pode comunicar o que o corpo silencia e resgatar a feminilidade oprimida sob o contexto em que vive a mulher moderna. O discurso da expressão corporal explicitado pela Dança do Ventre faz comunicar os estados d’alma e funcionar como elemento de terapia que exorciza a linguagem do estresse – um dizer que pode expressar o não-dito que se instala no interior feminino. É uma linguagem que pode expressar um novo olhar sobre a mulher, novas “condutas” de novos sujeitos.

Considerando que o sujeito, como diz Foucault, constitui-se através da conexão com práticas discursivas historicamente específicas, o sujeito-mulher pauta sua subjetivação nos liames do mito da beleza institucionalizados por “verdades”. A partir do seu contato com a Dança do ventre, uma nova subjetivação é construída por uma outra “verdade”. Que recupera a sua essência feminina perdida. O novo sujeito-mulher reconquista a sua feminilidade segundo práticas discursivas da linguagem da Dança do Ventre. Nessa interação – mulher/Dança do Ventre – surge uma nova identidade histórico-ideológica.

Os “cuidados de si” que são vistos a partir do contexto institucionalizado do mito da beleza, trabalha o sujeito-mulher ligado à “beleza” como obrigação, a mulher torna-se escravizada por essa ideologia e acaba por distanciar-se de sua feminilidade. Esse poder silencioso que atua nos valores ideológicos vem refletido nos discursos das mulheres aqui analisados. Buscando a liberdade provocada pelo feminismo, as mulheres modernas ocuparam-se de tripla jornada de trabalho e em

virtude dessa ocupação, ela começa a se estressar e, conseqüentemente, o corpo responde com fatores como a cólica menstrual, dores no corpo, envelhecimento precoce, e, portanto, passa a se distanciar da sua feminilidade porque passa a não gostar da menstruação que é um dos símbolos da feminilidade. Pensando na maternidade, na menstruação, na amamentação, esse sujeito-mulher constrói uma relação de distância porque vê esses fatores como prejudiciais à sua beleza por associá-los ao envelhecimento, aos incômodos. A maternidade e a amamentação trazem estrias, a mulher engorda, envelhece, o corpo se transforma. Na menstruação, o corpo incha, a mulher sente-se limitada porque não pode usar qualquer tipo de roupa, sente-se “feia”. A mulher passa a “cuidar de si” numa eterna relutância para ser bela dentro dos padrões de beleza que agradam aos homens e à sociedade nos quais conduzem a mulher a atingir o corpo esguio, perfeito, belo. Dessa forma, esse sujeito passa a negar o seu corpo, não se aceitando, por não estar inserido nesses padrões e porque a maternidade, a amamentação e a menstruação “deformam” o corpo, e, por isso, o afasta da “beleza”. Como conseqüência disso, a mulher distancia-se de sua essência feminina.

Por outro lado, buscamos, então, o sujeito-mulher visto sob outro processo de subjetivação: na sua essência de feminilidade. O “cuidar de si”, aqui, vem de maneira diferente porque a Dança do Ventre é o elemento catalisador que recupera a feminilidade. É a relação de poder que a Dança do Ventre tem de recuperar a essência feminina que faz com que a mulher, a partir de uma realidade ideológica institucionalizada, se veja de forma diferente; ela aceita o seu corpo e passa a amá-lo, aceita a sua situação de mulher, conhece o próprio corpo através dos movimentos da Dança do Ventre, e constrói uma relação de bem-estar consigo mesma e com a feminilidade e, portanto, passa a aceitar a menstruação, a maternidade, a maturidade, as transformações.

Os valores ideológicos – “as verdades” – da Dança do Ventre de cultuar o corpo, visando a beleza interior, cultuando a capacidade da mulher de ser geradora de vida, valorizar o ventre e os fatores que caracterizam a feminilidade trazem para o sujeito uma outra subjetivação, um novo sujeito. A mulher que aceita e entra nessa “ordem do discurso”, conhece o seu próprio corpo porque sente os resultados no seu corpo. A mulher descobre seu corpo conseguindo visualizar aspectos até então desconhecidos, sente-se mais segura, menos tímida, mais feminina, mais confiante, mais bonita e de certa forma mais feliz porque o domínio sobre o corpo, o conhecimento do eu ajuda a desenvolver todos esses aspectos. O caráter “sagrado” da Dança do Ventre está ligado ao fato de ter sido originária de cultos, mas, principalmente, está ligado ao respeito que a mulher tem a si mesma e aos outros. A Dança do Ventre pode representar as várias fases da vida da mulher e expressa todas as suas emoções, trazendo a feminilidade em seus vários aspectos. A mulher desenvolve a consciência do eu, de sua individualidade que conduz ao autoconhecimento: a harmonia entre o corpo e a mente. Esta nova mulher objetiva-se em um novo sujeito porque sua sujeição é “regulada” pelo processo de identificação/subjetivação neste novo contexto. Vejamos os depoimentos que identificam dois sujeitos: sujeito-mulher não praticante da Dança do ventre e

outro sujeito-mulher praticante da Dança do Ventre. Em suas falas identificamos um processo de subjetivação peculiar a cada forma-sujeito: um Sujeito Não-Praticante (NP) e um Sujeito Praticante (P).

No discurso do Sujeito NP, encontramos a predominância de um sujeito-mulher menos satisfeita com o seu corpo e com o Ser-mulher. Ela, a mulher, apresenta uma sujeição aos padrões do mito da beleza e, nos “cuidados de si”, mostra uma rejeição ao próprio corpo por ele não se encaixar nos padrões de “beleza”. É um sujeito “assujeitado” ao poder das leis da beleza. Há um valor ideológico de beleza estipulado pela sociedade que regula discursos sobre os moldes do “ser-belo”. São discursos sedimentados por práticas discursivas que constituem “verdades” sobre a beleza feminina. Beleza esta que é afetada, pelas práticas sócio-culturais, por dizeres que definem a gravidez como elemento “deformador” do corpo, a menstruação como incômodo, a tensão-pré-menstrual (TPM) como doença e estado abominável, as cólicas como agressão menstrual. São traços femininos que, neste Sujeito-mulher NP aparecem como rejeição, como identitários de um sujeito afastado da sua feminilidade. Vejamos, então, como isso ocorre no depoimento do Sujeito NP.

Sujeito NP1: *Você está satisfeita com o seu corpo? Não. Por quê? Porque eu tenho umas gordurinhas localizadas que nunca saem e eu também não deixo de comer por isso, passar fome por isso eu não passo não. Qual a sua relação com o seu corpo? Tem dias que eu adoro o meu corpo. Quando eu me acordo e que eu me olho no espelho que eu boto qualquer roupa, fica perfeito. Só é eu tomar café, pronto... aí eu já não... E tem dias, principalmente em tempo de TPM que eu não suporto, qualquer roupa que eu coloque não cai bem, pode tá perfeito em mim, todo mundo dizendo que ficou ótimo, mas eu digo que tem alguma coisa que eu não gostei e isso e aquilo.*

Vemos neste trecho a idéia que o sujeito-mulher tem de corpo perfeito/imperfeito: sua relação de amor e ódio com o corpo. Uma relação de amor quando se sente bem, quando o acha “perfeito” e uma relação de “ódio” quando se sente gorda e fora dos padrões sociais de beleza. O não sentir satisfação com corpo vem do fato dele estar fora dos padrões de beleza: “porque eu tenho umas gordurinhas localizadas”. “... em tempo de TPM eu não suporto...”.

Sujeito NP1: *Qual(is) a(s) parte(s) do seu corpo que você menos gosta? A barriga. Por quê? Porque eu tento, tento, tento e não sai do lugar, mas também não aumenta não, é... E antigamente eu não gostava dos meus seios quando eu era mais nova porque eu tinha complexo. Aos treze anos eu já usava 42 e eu passava muita vergonha porque o povo já ficava olhando. Mas hoje como o peitão é moda né, silicone... aí eu posso mostrar. Qual(is) a(s) área(s) do seu corpo que você gostaria de modificar? A barriga, por mim eu tiraria. Por quê? Porque é uma coisa que me incomoda, é... as pernas eu colocaria botox ou silicone pra ser mais grossinhas e o nariz... não to brincando, o nariz não... é que meu namorado diz que quando eu tiver um filho o menino vai nascer pelo nariz (risos) é que eu vi o nariz da minha tia, é igualzinho ao meu, o menino quase sai pelo nariz. Só a barriga e as pernas.*

A não satisfação com o seu próprio corpo materializa-se no desenvolver do seu discurso porque as *verdades* sobre a beleza do corpo ideal permanecem: os seios, as pernas finas, o nariz, a barriga estão fora dos padrões institucionalizados. No momento em que “possuir peitão” entrou em “moda”, passou a ser uma *verdade* institucionalizada, passou a ser “moda”, este sujeito passou a aceitar seus seios grandes como parte do corpo que lhe é atraente, porque é belo. Há a presença de um discurso que prima pela beleza através da “correção”. Correção esta que faz o corpo entrar na ordem do discurso do belo, do corpo perfeito: a cirurgia plástica (“silicone”) e a aplicação de botox.

Sujeito NP2: *Você está satisfeita com o seu corpo?* Não. *Gostaria de passar por uma reforma. Por que?* *Porque quando se trata de mulher ela é muito cobrada com relação a estética, embora isso nos meus relacionamentos não foi a causa das minhas separações. O corpo era o que menos importava, foi uma questão mesmo cerebral.*

Neste outro dizer há a presença da mesma formação discursiva: a presença da estética, da beleza. Quando não está de acordo com os padrões da beleza estética estipulada pela sociedade a mulher precisa passar por “reformas” para poder entrar na ordem do discurso e preencher os requisitos dos padrões de beleza.

Sujeito NP1: *Você sente dor(es) no corpo?* Sim. *Em que parte(s)?* *Nos seios quando eu to pra menstruar. Eu tenho que usar top o tempo todo, 24 horas e quando eu tiro... dói. Eu acho que é a parte do meu corpo que mais dói. E outra é quando aquelas cólicas infernais. Nesse tempo é o tempo que eu queria ter nascido homem, pra não sentir, porque homem as coisas são muito fáceis. Como você vê a menstruação?* *Por mim, eu sei que necessitamos, mas por mim não teria essa fase porque é a fase mais... As mulheres mudam de humor, eu mudo de humor constantemente, é a fase que o meu corpo dói mais... Eu acho um saco. À que você atribui a tensão pré-menstrual (T.P.M.)?* *Assim...a TPM eu acho... eu trato a TPM como uma doença, e minha mãe já não acha, ela acha que é uma frescura. Mas eu sinto que eu tenho TPM quando eu realmente eu to estressada, quando eu to num tempo que eu to muito agitada que tem muita coisa em cima de mim, to muito sobrecarregada. Mas tem meses que eu não sinto que eu to com TPM. Quando eu fazia atividade física eu não sentia que eu tinha TPM, quando eu parei... Coitado do meu namorado, porque é o único que sofre porque eu boto tudo pra cima dele. Costuma ter cólicas menstruais?* Sim. *Sua menstruação lhe traz incômodo(s)?* Sim. *Qual(is)?* *Há um tempo atrás vinha com muito fluxo. Eu tenho um problema com um hormônio, eu tenho a falta de um hormônio, eu faço tratamento com anticoncepcional, faz 4 anos que eu tomo anticoncepcional direto. Porque desde que eu comecei a menstruar que eu tive esse problema e eu já passei 21 dias menstruada. Era uma hemorragia, eu só parei porque eu tomei um remédio pra parar, porque eu não tinha condições nem de ir pra o colégio. Então quando o fluxo vem grande demais aí eu já não... quando vem só bem pouquinho, pra mim tanto faz como tanto fez. Porque é nesse tempo quando o fluxo vem maior que vem mais a cólica e tudo mais.*

Neste trecho, a menstruação é vista como incômodo, abominável e não como traço de feminilidade. Sua relação com a menstruação a afasta de sua condição de mulher a ponto de se imaginar ser homem porque o homem não tem menstruação. Um discurso que reflete idéias de afastamento da feminilidade. Encara a menstruação como uma doença e não como sua feminilidade.

Sujeito NP1: *Na sua opinião, o que é ser feminina?* *Na minha opinião, ser feminina eu acho que é você ser sensível mas ao mesmo tempo forte. Acho que é isso, você ser sensível e ser ao mesmo tempo forte, ser original naquilo que você faz. Acho que sensível melhora muita coisa, a mulher ser carinhosa, amável.*

Essa idéia de feminino estar ligada à sensibilidade, ao carinho, à amabilidade está em vários discursos e se cristaliza como “verdade”. É como se o homem ou a masculinidade estivesse relacionada com a não sensibilidade, falta de carinho e amabilidade. Essas características da mulher estão sedimentadas na memória coletiva como modelo do ser mulher: sensível, carinhosa, forte: capaz de sustentar o que a sociedade lhe reservou enquanto mulher, uma condição sócio-histórico-ideológica.

Sujeito NP1: *Você se considera uma mulher feliz?* Sim. *Por quê?* *Porque eu acho que eu tenho tudo o que eu preciso. Eu tenho uma família, eu tenho pessoas que me amam que estão ao meu redor que são os meus amigos. E o que me falta como dinheiro, como outras coisas, sou eu que vou ter que correr atrás pra conseguir. Mas eu me sinto uma pessoa feliz.*

A idéia de feminilidade da mulher está relacionada apenas à família e amigos e não ao encontro consigo mesma, com o seu corpo. Sua felicidade não está no encontro consigo mesma, mas na relação com a família e com os amigos, seu corpo parece estar fora dessa relação, ele não é parte integrante de sua felicidade dada a sua insatisfação com ele.

Vemos um sujeito-mulher insatisfeito com o seu corpo, porque ele foge aos padrões dos moldes de beleza impostos por uma ordem do discurso. O estar “meio gasta” já é uma saída do

padrão da produção de beleza.

Sujeito NP3: *O que você acha de sua aparência? Precisando melhorar. Ta meio gasta. Você está satisfeita com o seu corpo? Não. Por quê? Porque depois das três gravidez eu fiquei com a barriguinha. Qual(is) a(s) parte(s) do seu corpo que você mais gosta? Dos olhos, as pernas. Por quê? Porque dizem né... (risos). Elogiam. . Como você vê a menstruação? Péssimo. Porque como eu tenho muito fluxo aí eu tenho uma anemia grave, tenho cólica, por isso vou fazer esterectomia.*

A gravidez, grande prova de feminilidade da mulher, é vista como elemento deformador do corpo, como uma prática que deforma a mulher afastando-a dos padrões de beleza. Ao pensar que é a gravidez que “deforma” o corpo feminino, a mulher quando não se distancia dela (da gravidez) a vê como elemento não de feminilidade, mas como elemento capaz de afastar a mulher dos padrões de beleza impostos pelos mais variados discursos. Assim, a essência da feminilidade deixa de ser a gestação e passa a ser a “beleza” determinada pela sociedade. A sua referência da relação com o seu corpo advém dos discursos dos outros, são “padronizadas” por práticas discursivas que estão na sociedade. O ter barriga faz o sujeito afastar-se dos padrões de beleza. O processo de castração feminina já faz parte das práticas discursivas da sociedade atual. Livrar-se da menstruação é livrar-se de “problemas”. É um discurso permanente na sociedade vigente. O capar a mulher entra numa ordem de discurso que procura guiar “condutas”, conduta esta em que é preciso, necessário e bom praticar a esterectomia. Um discurso “regulado” por práticas sociais que vai conduzindo mulher ao desencontro com a feminilidade.

A TPM como sinônimo de estresse já faz parte de uma formação discursiva do discurso feminino e do discurso médico-ginecológico. Aqui há uma reprodução dessa “verdade” que molda sujeitos-mulheres distanciadas de sua feminilidade. Vemos neste sujeito-mulher a menstruação encarada como incômodo e não como marca identitária de feminilidade.

O sujeito-mulher NP, em seus diferentes contextos institucionais, distancia-se de sua feminilidade por ocupar um lugar regido pelo discurso institucionalizado do mito da beleza. Discursos são veiculados, em relação ao corpo, por práticas discursivas em direção da construção de um corpo perfeito, que não pode deformar-se. Com tais práticas discursivas, estabelece-se uma relação com o corpo. Uma relação comercial, de industrialização da beleza. Esta passa a ser uma obrigação e os sujeitos-mulheres, nos seus "cuidados de si", entram num processo de subjetivação que as faz um sujeito "escravizado" à beleza do corpo **esguio**, "perfeito". Constitui-se, portanto, numa sujeição distanciando-se de sua feminilidade. Considerando que o sujeito, como diz Foucault, constitui-se através da conexão com práticas discursivas historicamente específicas, o sujeito-mulher NP pauta sua subjetivação nos liames do mito da beleza institucionalizada por "verdades".

Sujeito P: *No seu cotidiano, você se sente sobrecarregada? Sim. Por quê? Mas por opção minha, porque eu sou do tipo de pessoa que se eu pudesse eu abarcaria o mundo com as pernas como diz a minha*

mãe. Então eu sou uma pessoa que gosto de fazer tudo, então eu canto, eu danço, eu interpreto, eu pinto, eu desenho... eu amo ta em casa, eu amo namorar, eu gosto de sair, às vezes eu quero fazer tudo e não tenho tempo, justamente por causa disso. **Desenvolve outras atividades?** Sim. **Quais?** Como eu disse, eu pinto, eu canto, eu danço, eu interpreto e quando eu tenho horários vagos, aí a gente cria, a gente inventa. (risos). **Desenvolve suas atividades com prazer?** Sim.

Todo e o possível, e o imaginário. **O que você faz para amenizar as sobrecargas do cotidiano?** Canto, danço, interpreto, converso. **O que você acha de sua aparência?** Gosto muito. Me aceito. **Você está satisfeita com o seu corpo?** Sim. **Por quê?** Embora haja... Eu passei uma adolescência muito conturbada devido ao meu desenvolvimento muito rápido, ou seja, eu não tinha peito, eu não tinha nada, e de um ano pra o outro eu criei tudo e muito. Então isso chamou olhares e piadas e essas coisas que deixam uma pessoa na fase da adolescência, que é aquela fase que o corpo ta mudando, vem a aceitação. Então me aceitar mesmo eu vim aceitar um tempo desse. **Qual(is) a(s) parte(s) do seu corpo que você mais gosta?** Meus olhos, meus seios... deixe-me ver..ah, eu todinha... eu gosto... não tenho nada contra mim.

No discurso do sujeito-mulher P vemos um discurso marcado por outra FD em que o sujeito-mulher aproxima-se de sua feminilidade com outros olhares. O seu dizer em relação à maternidade, menstruação pauta-se numa outra “verdade”. No processo de objetivação, o sujeito-mulher P aproxima-se da maternidade com afeto, respeito e cultua o corpo como algo sagrado, o corpo como o lugar do reencontro consigo, o lugar de relação de bem-estar. Ela aceita seu corpo e sua situação de mulher com uma intimidade e respeito, o que eleva a auto-estima. Seu corpo é visto como templo capaz de abrigar novas vidas. Vejamos os exemplos:

Sujeito P: **Qual(is) a(s) parte(s) do seu corpo que você mais gosta?** Meus olhos, meus seios... deixe-me ver..ah, eu todinha... eu gosto... não tenho nada contra mim. **Por quê?** Eu acho que foi mais essa busca, essa luta por me aceitar, então... se Deus me fez assim, porque é que eu vou criticar? Se deus é perfeição, se deus é... Eu acho que eu tenho mais é que me aceitar. Eu acho que se ele me fez assim... é obra, é arte. (Risos). **Qual a sua relação com o seu corpo?** Muito boa.. **Como você vê a menstruação?** Eu vejo como a chegada para essa puberdade, eu acho que é um cuidado a mais, eu acho que é nessa parte que você pode enfim ter um filho, e daí vem os cuidados em diante. Então, eu acho uma fase... para muitas, de alívio, pra outros, de desconforto, pra mim é comum, normal. **À que você atribui a tensão pré-menstrual (T.P.M.)?** Não tenho, acredita? Mas, assim, eu acho que deve vir do estresse do cotidiano, como dizem. Eu sou uma pessoa altamente zen nessa fase, meu namorado adora isso, né, que eu sou bem tranqüila. Enquanto o povo ta quebrando a casa, derrubando tudo eu to respirando fundo e dizendo “não vou me estressar, não vou me estressar” (risos). E realmente não me estresso, eu acho isso bom. **Costuma ter cólicas menstruais?** Sim. **Sua menstruação lhe traz incômodo(s)?** Não. **Qual(is) Você pratica atividade(s) corporal(is)?** Sim. **Qual(is)?** Diariamente eu... assim como parei de fazer dança mas eu sempre procuro duas horinhas por dia pra praticar, pra lembrar alguns passos, algumas coisas, eu ligo o som e fico dançando. Eu acho que isso pra mim... sem esquecer que quando eu acordo eu faço alongamento, antes de dormir a gente dá uma espreguiçada boa daquela e relaxa. **Que benefícios físicos e psicológicos essa(s) atividade(s) traz(em) para você?** Eu acho que o relaxamento, que a gente acorda, às vezes dormiu mau aí você fazendo alongamento você fica com mais disposição, você cria realmente mais disposição pras coisas. **Qual o significado da maternidade para você?** Tudo. **Por quê?** Porque eu acho... É o meu sonho é ser mãe, mas ser quando for acho que o momento certo porque eu acho que com 21 anos de idade, ou seja, eu quero estudar, eu quero me formar, eu quero... É como dizem, é aquela questão de... eu só quero ser mãe, ter esse prazer de ser mãe quando eu puder dar o melhor pra o meu filho, ou seja, eu não vou ser mãe no dia de hoje em que eu não possa dar uma boa escola, dar alimentação, dar cuidados suficientes, saúde, porque tudo hoje ta... ta isso, né. Então ser mãe, eu acho que maternidade é tudo, eu acho que é quando você realmente se sente mulher. É quando você pode fazer o milagre que é dar a luz. **Como você se vê como mulher?** Mulher em relação ao mundo, me vejo bem e me dou muito bem comigo como mulher e no relacionamento vai de vento em polpa. Me sinto sexy, me sinto sensual, me sinto livre, me sinto independente, é isso. **O que mais caracteriza a sua feminilidade?** Eu acho que vai do jeito da pessoa como ela se comporta. Por exemplo, eu vejo um ato de feminilidade quando... um olhar, um gesto, é mais um modo... A pessoa ser feminina, é a pessoa ser... não digo delicado, delicado aí depende muito, tem gente que é feminina mais não é delicada. É complexa, sabe, essa pergunta. Então... não sei, a pessoa ser feminina é saber usar a sua sexualidade, a sua sensualidade, é

saber... ai.. **Você se sente segura como mulher?** Depende em que sentido. Se for num sentido...assim... em relação a mim como mulher, sim. Eu sou segura do que eu quero, sou segura das coisas que eu realmente quero na vida, mas, infelizmente ao mundo, mas em relação ao mundo, a mulher ainda não é completamente segura porque tem tanta coisa acontecendo hoje em dia né... . Depende em que você se sente segura. Se for em relação a segura a sociedade a mulher não é tão segura assim. Eu não sou tão segura **Como você se reconhece como mulher?** Como mulher acho que primeiramente pelo meu corpo, que evidencia muito o corpo de uma mulher... (risos) ... tem a sexualidade em si, tem...**Na sua opinião, o que é ser feminina?** É você saber usar toda a sua sensualidade, todo o seu erotismo e isso... pra conquistar uma pessoa... pode ser também. Por exemplo, eu acho que quando eu... Eu uso a minha feminilidade mais pra conquistar alguém, quando eu quero realmente alguma coisa, assim...mais pro lado sexual... então a gente sempre busca ser um pouco mais feminina, no sentido mais carinhosa, mais dengosa, talvez... é por aí...**Você se considera uma mulher feliz?** Sim. **Por quê?** Eu tenho, como mulher, no relacionamento, eu tenho uma pessoa do meu lado que me completa em todos os sentidos, ou seja, é aquela pessoa que eu encontro com ela, eu dialogo, eu posso falar da minha vida e... eu sei da vida dele toda e ele sabe da minha... então... é um companheiro, amigo, então como mulher, em relacionamento eu... mas assim, já como mulher e ser reconhecida como mulher, por exemplo... na família, aí as coisas já complicam porque sempre me vêem como ainda a menina, a mocinha, a adolescente e nunca a mulher que sou. **Que mensagem você deixaria para as mulheres?** Que elas se valorizem, imponham respeito, consigam impor limites e tenham a sua própria liberdade, a sua própria independência. Porque eu acho que hoje em dia não é mais como era antes da mulher chegar e... chegar em casa e servir marido e preparar roupa. Eu acho que hoje ta acabando, ou seja, ou você trabalha pra ter a sua própria independência do que ficar dependendo de outra pessoa. Então é isso... é buscar a independência, é estudar, é ir atrás, atrás de seus objetivos, de seus ideais e fazer acontecer. Eu acho que a mulher pode se impor mais. **Qual o significado de Dança do Ventre para você?** Pra mim é uma dança da fertilidade então nela a gente consegue por pra fora toda a nossa sensualidade. Um movimento que a gente antes não conhecia e passa a conhecer. E tem também a questão toda de preparar a mulher pra dar a luz. Tem a questão de movimentos que você faz pra aliviar as contrações, amenizar cólicas, pra... é tanta coisa boa que a Dança do ventre traz...**Você se identifica(ria) com a Dança do Ventre?** Sim. **Na sua opinião, quais os benefícios que a Dança do ventre pode trazer para a mulher?** Alívio de cólica, a questão da preparação pra o parto. Aliviar as dores, tensão, pra ela se sentir mais mulher, se sentir mais sensual, pra ela puder usar isso até num relacionamento, pra questão de atrair o parceiro, de provocar toda aquela magia, aquela sedução. Tem também o exercício físico que se faz, a questão de trabalhar músculo, as articulações e... é isso.**Você acha que a Dança do Ventre expressa feminilidade?** Sim. **Por quê?** Porque é uma dança... eu acho uma dança muito feminina, eu acho que é daí que vem a questão da Dança do Ventre... ventre já diz tudo...ou seja, uma mulher tem... então é aquela coisa... o ventre é sagrado e é nele que a gente gera uma vida, e que nele vem todo o símbolo da mulher em si. **Na prática da Dança do ventre, o que mais lhe agrada?** Os movimentos, a música. Aquela questão de movimentos suaves fazer com que você sue tanto...são movimentos suaves, delicados, mas ali você ta fazendo uma força, você ta buscando dentro de você aquela energia pra os movimentos, pra passar o movimento. **Qual(is) o(s) fator(es) que levou(aram) você a praticar a Dança do Ventre?** Eu fiquei encantada, apaixonada e hipnotizada pela Dança do Ventre. Eu tinha visto numa fita de vídeo e tinha um cena do filme que aparecia algumas moças dançando e a partir daí foi onde eu me encantei e anos mais tarde eu tive a oportunidade de iniciar as aulas. **Antes da Dança do Ventre, como você se relacionava com o seu corpo?** Eu tinha vergonha, muita vergonha. Jamais tinha posto minha barriga pra fora nem tinha usado tanto decote na minha vida, nem tinha chegado a ponto de se exibir. Porque eu ficava na frente do espelho dançando... eu achei fantástico. Eu acho que pra mim fez com que eu viesse aceitando aos poucos e hoje aceitar realmente o corpo que eu tenho, a mulher que eu sou, a sensualidade que eu possuo e pôr isso pra fora, externar. **Esta prática modificou você?** Sim. **Relate:** Me deixou menos inibida, me deixou mais solta, mais... me comunico melhor, me relaciono melhor com as pessoas, não tenho mais tanto pudor como tinha antes...**Como você se sente como praticante da Dança do ventre?** Realizada, sexy, tudo (risos). **Relacione os benefícios que a Dança do ventre trouxe para você:** Eu tinha pouca resistência nos músculos e criei bem mais, eu criei mais resistência, mais concentração, mais equilíbrio mental, espiritual, mais noção de si, mais noção do que eu possuo, das artimanhas que eu tenho, do poder sensual que eu tenho. **Na sua opinião, a Dança do Ventre pode funcionar como elemento terapêutico?** Sim. **Por quê?** Porque é uma dança que faz com que... ou seja, aquelas mulheres têm problema em questão de se aceitar, eu acho importantíssimo. É relaxamento... pra tirar estresse, relaxar um pouco. Eu usava mais ou menos pra isso, ou seja, eu chegava, tava morta de cansada, ia fazer uma dança e saía de lá renovada. Eu acho que vale a pena. **À quem você recomendaria a prática da Dança do Ventre?** Recomendaria a quem tivesse abaixo dos seus 14 anos que eu acho que é muito importante pra ir se aceitando logo, que é a fase que a gente ta entrando em transformação, a fase que vem o ciclo menstrual. As grávidas também, recomendo demais, porque eu acho que ajuda bastante na questão das contrações de você

saber controlar as contrações, respiração, e ... a questão da resistência até gente idosa eu recomendo demais, eu acho que é uma terapia fantástica.

Dessa forma, há nesta situação de mulheres praticantes da Dança do Ventre, um processo de subjetivação em que a Dança do Ventre estabelece um poder de recuperar a feminilidade: a mulher se sente completa, satisfeita consigo mesma.

Portanto, na linguagem artística da Dança do Ventre, com suas práticas discursivas, é possível um reencontro da mulher consigo mesma e com sua feminilidade: um processo de subjetivação do sujeito-mulher advindo da sua relação com um contexto de formações discursivas que colocam o corpo da mulher em um outro lugar: um lugar de identidade com a feminilidade.

A gravidez aparece por um discurso feminino: o de ser a maternidade uma realização, feminina! Portanto, uma visão de que a gravidez, a capacidade de gestação é marca identitária do SER-MULHER, do ser feminina.

A partir do seu contato com a Dança do Ventre, uma nova subjetivação é construída por uma outra "verdade" que recupera a sua essência (feminina) perdida. O novo sujeito-mulher reconquista a sua feminilidade segundo práticas discursivas da linguagem da Dança do Ventre. Nessa interação - mulher Dança do Ventre - surge uma nova identidade histórico-ideológica. Nosso trabalho pretende ir em busca desse sujeito-mulher identificado por práticas discursivas advindas de lugares sociais distintos.

Bibliografia

- BEAUVOIR, S. de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980a.
- _____. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980b.
- FOUCAULT, M. *O sujeito e o poder*. In: HUBERT, D. & RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- _____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LELOUP, J. *O corpo e seus símbolos: uma antropologia essencial*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MELO, S. M. M. de. *Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em professores*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- PENNA, L. *Corpo sofrido e mal-amado: as experiências da mulher com o próprio corpo*. São Paulo: Summus, 1989.
- WOLF, N. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.